

Rastreamento do futuro pesquisador

*Toda pesquisa é manifestação
de inconformismo.*

René Leriche

Irany Novah Moraes

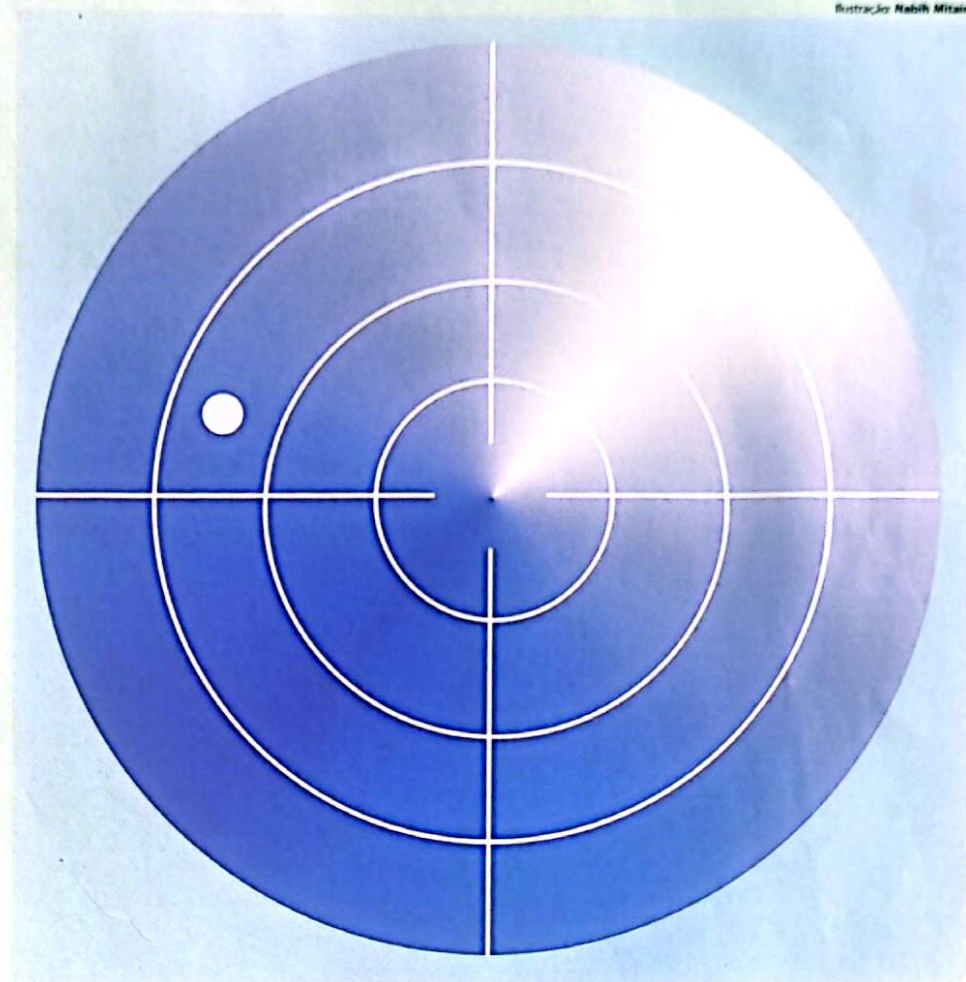
Ilustração: Nabih Mitani

É curioso notar em uma classe de jovens alunos, que alguns se diferenciam dos demais pelas suas atitudes pessoais. Tal fato pode ocorrer desde os bancos escolares do ensino fundamental onde crianças que desmontam aparelhos, dissecam animais para ver tudo

como é por dentro; até na universidade entre nossos colegas e depois entre nossos alunos. Revelam grande interesse em conhecer a fundo certos problemas, fenômenos ou fatos. As explicações dos professores e os textos dos livros não satisfazem sua curiosidade. Parecem que continuam com o "porque" da infância, sempre com

O temperamento indagativo descrito entre os alunos, algumas vezes, revela certo ímpeto para saber melhor questões da universidade o que o leva a participar com entusiasmo das lides acadêmicas

uma pergunta a fazer. É tal o inconformismo, desses poucos, que chegam a dar a impressão de que ali está um futuro pesquisador. Ao lado dessa enorme e permanente vontade de saber percebe-se também certa tranquilidade, na maneira de falar e de argumentar, revelam capacidade de reflexão e talvez até mesmo discreta humildade e sempre enorme vontade de estudar, pesquisar,



descobrir, e contestar dogmas como que em busca de respostas alternativas desejando saber mais e compreender melhor, conhecer o entorno e mesmo o oposto para assim entender a essência do fato ou do fenômeno que para ele é duvidoso e que lhe aflige, causando certa inquietude.

O temperamento indagativo descrito entre os alunos, algumas vezes, revela certo ímpeto para saber melhor questões da universidade o que o leva a participar com entusiasmo das lides acadê-

micas e desperta o interesse em conhecer a fundo o ambiente e assim participar dos vários colegiados, onde costumam apresentar propostas sadias, bem intencionadas, sem partidatismo político, ideológico, religioso e marcado sempre por nítida repulsa aos conchavos. É obvio que assim procedem aqueles que não caíram nas garras do proselitismo ideológico de algum mentor nefasto que procura impregná-los com idéias fanáticas e radicais atravancando suas mentes e não as abrindo.

Outro sinal que revela facetas, sugestivas de seu pendor para pesquisa é o fato de revelarem precocemente, tendência para escolherem as especialidades sem, paradoxalmente questionarem qual delas.

A mais forte manifestação do pendor referido ocorre na hora da escolha do assunto para sua primeira pesquisa. Nesse estado de alma, querendo mas não sabendo o que, sua mente tem tempestade de idéias. As primeiras a aflorar são as emocionais pensando em resolver problemas que afligiram seus entes queridos. Pensa em pesquisar sobre câncer, infarto, etc. porque alguns de seus

O jovem pensa primeiro em resolver problemas que afligiram seus entes queridos. Pensa em pesquisar sobre câncer, infarto, etc. porque alguns de seus mais próximos padeceram desses males.

mais próximos padeceram desses males. Ao lembrar desses temas nem lhe passa pela cabeça a viabilidade de sua realização.

Outras idéias que aparecem, decorrem de leitura, de temas atuais e modernos, que aparecem nas revistas mais recentes. Sente a beleza do assunto, mas não vê sequer como dar os primeiros passos, e nem

mesmo encontrar quem poderia orientá-lo. O jovem acaba recorrendo a seu orientador e que em muitos casos dispõe do que poderia se chamar de "banco de idéias" onde estão registrados vários assuntos para na eventualidade de algum aluno pedir sugestão, ele dispor, e às vezes até mesmo, com alguma indicação bibliográfica. Neste momento, estou lembrando do Professor Locchi que sempre manteve em sua gaveta secreta, uma "caixa de surpresas" a encantar aquele que aflito o procurava para uma sugestão.

Hoje as coisas mudaram muito, e

todo pesquisador trabalha arduamente em sua "linha de pesquisa" e nessa que poderíamos denominá-las "linha de produção", sempre havendo alguma pesquisa que poderá ser sugerida ao jovem e sua compreensão fortalecerá a "produção da linha". Caso o atraia num instante seus olhos brilham, sua face modifica e transparece um entusiasmo incontido. Este é na verdade para o jovem o momento decisivo que ele sente o encontro de seu sonho com a realidade que surge.

O acompanhamento desses jovens tem mostrado que muitos deles, no decorrer da vida, confirmam essas idéias. Procurei encontrar no jovem manifestações, por mais sutis que tenham sido, mas que precocemente revelassem seu pendor para a pesquisa científica.

Ouso afirmar que o pesquisador nasce pesquisador ou pelo menos se revela ainda na universidade mas, terá êxito se encontrar ambiente propício e um orientador culto competente e com personalidade, que tenha espírito público superior, com capacidade e vontade de abrir o espírito do jovem e ensiná-lo, a pensar, a ter idéias novas e devoção ao trabalho. Assim naturalmente esse professor será seu orientador e irá tornar-se seu paradigma.

O aluno renova as forças de criação superior do professor.

A curiosidade do aluno, sempre querendo saber mais, faz o professor relembrar as inquietudes semelhantes as de sua juventude; ambos vibrando o mesmo diapásão identificam-se, e nasce a empatia, essa rejuvenesce sua alma.

Feito esse rápido ensaio para tentar vislumbrar o pendor para pesquisa do jovem, saliento que, da mesma maneira que o aluno precisa do professor este precisa do aluno.

Um jovem do grupo referido ao encontrar um docente que lhe dê a atenção devida, ou que saiba responder in-

teligentemente seu questionamento, desperta-lhe simpatia e espontaneamente ele procura aproximar-se revelando interesse pela matéria, apresentando questões definidas, fundamentais e geralmente profundas. Esse procedimento cativa o professor por revelar afinidade de interesse. O diálogo com tais alunos é curioso, pois há grande atenção às respostas e quando algo é dito com maior adequação sua inteligência é aguçada, sua fisionomia modifica-se como se no momento acendesse uma luz em sua compreensão.

A experiência didática com a juventude é, na verdade, ao longo dos anos, uma fonte de rejuvenescimento para o professor. É como se o entusiasmo vibrasse com a curiosidade e alegrando sua alma com esse colóquio, cheio de dúvidas da vida e do humano.

Lembro-me do amigo John J. Bergan, dos mais conceituados cirurgiões americanos, Professor da Northwestern University, em Chicago, que desejando aposentar confidenciou-me: deixo de pagar 120 mil dólares anuais de seguro médico para proteger-me dos problemas de "mal practice" ou seja, erro médico, e vou morar em La Jolla, na Califórnia, onde a temperatura diária, não média, é de 23° C. Lá, velejarei todas as manhãs, mas vou dar aula, na universidade local, de Cirurgia Vascular, todas as quintas-feiras à tarde. Preciso estar sempre em contato com a juventude. Isso mantém meu espírito aberto para o novo milênio, e terei entusiasmo para continuar minhas pesquisas e minhas publicações.

O professor quer sempre, mesmo depois de aposentado ter o jovem aluno lhe questionando. Será lenitivo para o espírito daquele que ainda quer contribuir mais para a comunidade. No recôndito de sua alma ele guarda o pendor do pesquisador.

Irany Novah Moraes
Professor da Faculdade de
Medicina da USP

A acalorada discussão sobre febres

Arary da Cruz Tiriba

Pois é, meu caro colega Lent Hobs Soletto, de permeio com o envelhecimento, desbotam-se na nossa agenda cerebral os nomes dos mais chegados. Do começo ao fim do bate-papo com o amigo... aquela luta para que o nome dele aflore, livrando-nos de administrar "meu-querido" pra cá, "meu-querido" pra lá. Você, mais desmemoriado do que eu! quanto a mim, ainda registro algumas paisagens memoráveis das nossas caminhadas como estradeiros clínicos. Ora refresco-lhe a idéia, revivendo o episódio, do qual você foi ator, como está desenhado na minha lembrança; esse capítulo, indelével!

Aconteceu há tanto tempo... não havia conceito firmado para a febre de origem obscura. Havia, sim, a profusão de nomes para as mais conhecidas, ao tempo que a sinonímia – tópico elegante do discurso acadêmico –, era levada em conta. Assim, quintã, intermitente, autunal, recorrente, sudoral, mediterrânea, ganglionar, ondulante, puerperal, palustre, hemoglobínúrica, biliosa, ftísica, da água preta, das galeras, das prisões, do sono, dos arrozais... Havia, até, denominações esnobes; se V. desejasse esbanjar, febre em plateau de acordo com o francesismo predominante daquele quartel. Adjetivação, de sobra... Definição, escassa...

UAH!

Enfim, se você quisesse impressionar, arriscaria o finado tradutor científico internacional – o latim –, de mistura com o grego e o românico. A escolher, febris (de ferver): *alba, essencialis, morbillosa, simplex, solitaria, lactea, catharralis, complicata, fixa, vaga, colliquativa, coagulativa, subintrans, diaphoretica, erratica, syncopalis humorosa, scorbutica, cachetica, hellodes*... O doente não se beneficiaria – nem um pouco –, mas agradeceria a Deus por lhe ter proporcionado o consagrado esculápio, Dr. Lent, único pela imensa sabedoria!

Zzz... Zzz...

Psiu! Ôi! acorde, seu ensonado! Estou certo que se estivessem em pauta os vagalhões ardentes, ígneos, magmáticos, as febres do amor – *l'amour fait passer le temps et le temps fait passer l'amour* –, você estaria superaceso... Esqueça, navegamos

pelas tais ondas, mas fundeamos no nosso inverno. Que fê-las defervescerem.

Voltemos ao assunto, já que aqui estou, solidário, pra arrancá-lo do marasmo. Recordo que fora admitido na enfermaria, sob seus cuidados, o adulto, febril por mais de 10 dias, está lembrado? não, não está... E sem esclarecimento! apesar dos testes de laboratório. Baita interrogação! Com impecável postura assumiu, você, duas atitudes. Sincronizadas. Expressionistas. Contemplou o gráfico da febre. Coçou o queixo. Que febre! mais uma daquelas!... Você acabava de batizá-la: enigmática, engrossando a coletânea. Mas sempre existe o colega jovem, estagiário, que encara o doente e lhe efetua a cobrança. *Notou, Professor, a fácies do doente? A infiltração periorbital à direita? a rarefação superciliar? E a Dra. Lygia...*

Hein? Despertou? ela mesma! a Maria Lygia Caly Quaresma, jovem médica, despachada, franca, positiva, leal! Segundo sua fé, desencarnada – e desencarnou tão cedo! –, resolutamente, procedeu à pesquisa de bacilos álcool-ácido-resistentes, na linfa do lobo da orelha. No minuto imediato sem mistério, o Ziehl-Neelsen apontava: hanseníase (tipo lepromatoso, multibacilar, virchoviano)! Não é possível que você tenha esquecido, seu lambão! Só então lhe ocorreu perguntar ao doente: *qual a razão, Lázaro, do seu nome de batismo?* Resposta?! *meu pai era leproso...*

Bestalhão!, tivesse, você, desde o 1º dia...

A partir daí, seu comportamento – ar magistral, experiência só –, advertindo seus alunos: "na anamnese rigorosa, à identificação, não despreze o nome, pois que pode haver a correspondência quase mágica entre o nome e o ser e, principalmente, entre suas ações e vicissitudes. Há a história, clássica, da velha bêbada, *Dipsas*... blá... blá... blá..." Você mencionava a *Dipsas*, da história de Ovídio, parecendo que o Autor lhe era íntimo, que dividiam, ambos, o mesmo travesseiro dos noturnos literários. Sabe? você sempre foi ingrato, mencionando Ovídio, de boca cheia, esquecendo nossa Lygia!... O que me punha arara! Velhaco! você dava a nota de erudito, enganava a todos. Menos a mim, que sabia da sua profundidade cultural. Dicionarística! só e só. Desculpe, sempre fui franco.

Zzz... Zzz...

E você finalizava com a última pérola, ci-

tando, literalmente: *Nomen Omen*. Os discípulos?! para seu deleite boiavam, mas você, triunfante: meus alunos, apenas um artifício paronomástico. *Nomen Omen*... o nome, o presságio.

Perdi a conta das vezes que o ouvi, jubiloso, esclarecendo sobre o "paronomástico". Sons semelhantes, sentidos diferentes, mas...

Zzzzz... Zzzzz... Rooooonc

inútil prosear com um decrépito. E eu que pretendia contar-lhe histórias da dupla de Lázaros, resgatadas de notas prévias por Lucas, médico-escrivão, e pelo propagandista João. Um dos Lázaros, da Betânia, cuja família era chegada a um tal de Jehoshua, foi por ESTE ressuscitado depois de 4 dias. Outro, o coberto pelas chagas, foi o miserável mendigo que batia à porta de um rico sem coração; à morte de ambos, o fastuoso foi direto para inferno; o gafento para o seio de Abraão... mas o que adianta explicar histórias para um narcoléptico!

(digitando) 0800.00.00.000.000.000.000 Jeshua! ou Josué! ou Mashiah! Cristo! Jesus – aramaico, hebraico, grego, latino... VOCÊ, o agente da cascata onomástica multitribal, nomes, tantos quanto as febres –, qualquer que seja o seu cognome! por favor, uma mãozinha aqui pra este sabacu-de-coroa, outrora SEU meio-comparsa como fazedor de prodígios! Sim, milagreZinhos, não-reportados, nem por Lucas nem por João.

Arary da Cruz Tiriba, Professor Titular, aposentado (em atuação voluntária)

Disciplina de Doenças Infecciosas e Parasitárias, do Departamento de Medicina, da Universidade Federal de São Paulo/ Escola Paulista de Medicina

NOTA AO LEITOR: Segundo a *ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA*, Lázaro é forma contraída do hebraico Eleazar (tem servido a Deus); o martírio de Eleazar é descrito na Bíblia Sagrada, Edição Barsa (Macabeus, 2º livro); também, na Bíblia, os nomes de Jesus (Genealogia do Messias (São Mateus)).

Lucas e João, os evangelistas.

Sobre as denominações exóticas das febres recomendo a apreciação da *Histoire De La Médecine Et Du Livre Médical à la Bibliothèque de la Faculté de Médecine de Paris OLIVIER PERRIN ÉDITEUR*. Ai, a magnífica ilustração *LIGNUM FEBRUM*, de Francesco Torti (1712).

Dipsas, literalmente, sedenta, e *Nomen Omen*, em Os modos de Comunicar, Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas - Tosi, R. Ovídio (43 A.C.), poeta da sociedade aristocrática de Roma.

Paranomástico? Lent Hobs Soletto? Não, não é paronomástico. Anomalia, mesmo, do A., parceiro do velho Lent em caduquice.

Era um esquentame

M.I. Rollemberg

O final dos anos quarenta ia se extinguindo com a chegada de uma nova década. Havia um grande alvoroço em torno das próximas eleições, a segunda depois da ditadura Vargas. Em São Paulo, o governador tentava ser candidato à presidência, mas seu vice Novelli Júnior fora muito claro. Se o fizesse, mandaria adiante as enormes irregularidades cometidas por seu superior. Desta forma, Adhemar desistiu e teve de se conformar em patrocinar a candidatura de seu desafeto, o mesmo Vargas que o expurgara da interventoria. Já os jingles começavam a espoucar a todo vapor:

Bota o retrato do velho outra vez

Bota no mesmo lugar...

O retrato do velhinho

Faz a gente trabalhar...

Era uma enorme falácia, mas quem pode com os marqueteiros...

O interior ficava praticamente isolado da capital. Não havia televisão, os transportes eram precários, exceto para os felizardos por onde passavam os trilhos da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, a famosa Paulista, tristemente encampada pelo Sr. Carvalho Pinto e posteriormente destruída e sucateada por seus sucessores. E com uma agravante, nunca pagaram a seus ex-proprietários!

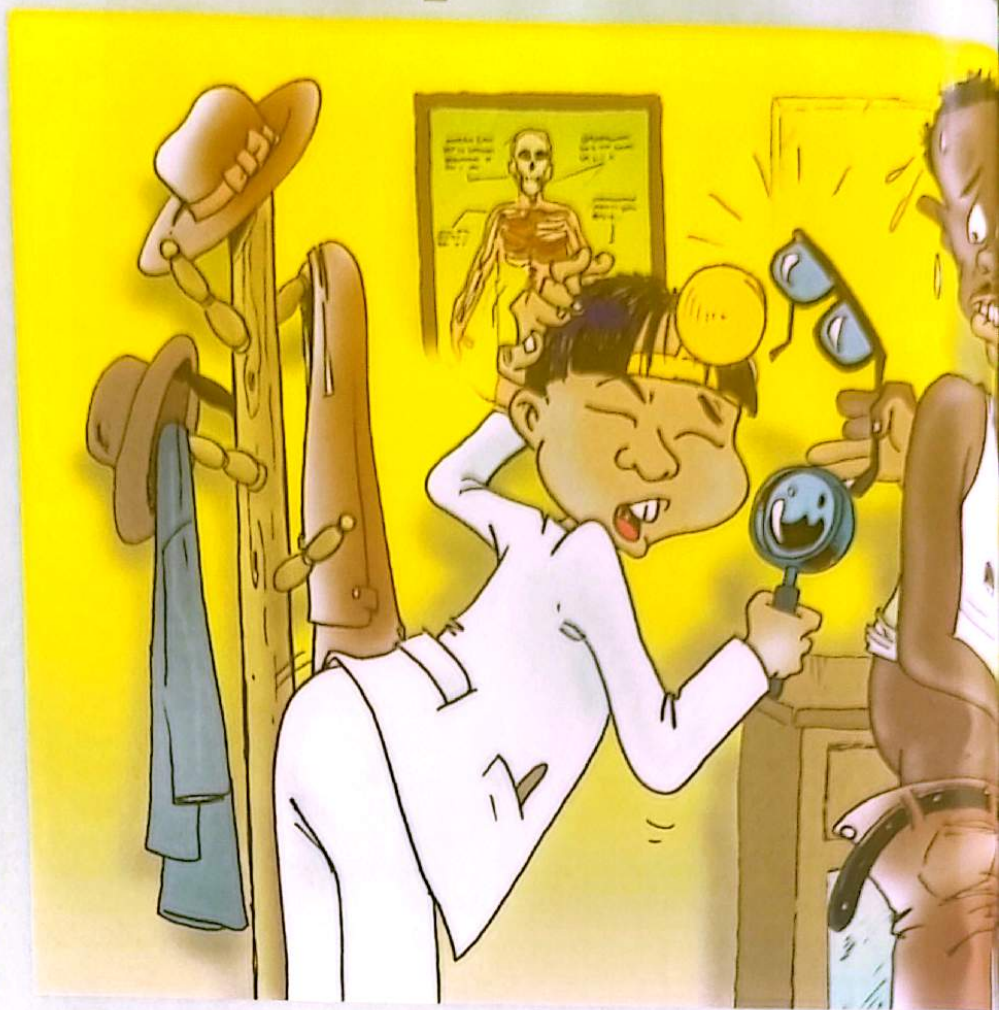
Se as notícias chegavam atrasadíssimas, que dizer das novidades, das descobertas. O sexo era um tabu intransponível. Assunto proibidíssimo, onde os filhos nem de longe poderiam tocar no assunto com os pais. Aprendia-se mal e porcamente com curiosos e curiosas, sem nenhuma formação, mais interessadas em impressionar que esclarecer.

Se alguém avançasse o sinal, estava ameaçado de ser o pivô de um escândalo, que poderia acabar em uma delegacia ou em um casamento providencial, o que era mais raro. As conversas eram sigilosas e os mais espertos contavam histórias incríveis, que iam enfeitando de acordo com a reação da platéia.

Tinha-se de apelar para raras "domésticas". Quando aparecia uma delas, a coisa corria como "fogo em pavio". Uma das mais célebres era conhecida por "capim fino", porque só se deitava em capim macio. Certo dia o "Quinzote" foi pego de surpresa com a "boca na botija", por um dos raríssimos guardinhas da cidade. A fulana era conhecida de todos, mas o policial dotado de uma boçalidade cinco estrelas e atacado de uma crise de imbecilidade, não quis saber. "Você desonrou a moça e vai em cana." "ma, ma, ma, qui, qui...de, desonró u que!" exclamou aflito o coitado, que além de tudo era gago. "Eu so, so o úrtimo di, di tudo mundo!" Mas o sujeito inflexível, não quis saber.

O Quinzote era um mulato e humilde filho de poceiro. Poceiros eram hábeis artesãos que cavavam poços d'água, para serem utilizados nas casas. Como não havia serviços de água e esgotos, esta era uma

profissão muito importante. Na pequena cidade existiam vários. O mais famoso era o Manelão, um negão já velho, que fora escravo. Ninguém sabia sua idade, muito menos ele, mas devia estar beirando o centenário. Andava descalço e a noite saía com uma cestinha de vime, vendendo amendoim, sempre alegre e tranquilo com uma dezena de cachaças na cabeça. Tinha três filhos que seguiam a mesma profissão, um deles o Quinzote. Bebião como gambás, mas eram mansos, não mexendo com ninguém. Depois que o pai morreu, continuaram na mesma faina. Quando não estavam bêbados, estavam construindo poços, ou às vezes as duas coisas ao mesmo tempo. Quando um dos irmãos morreu, lá iam os outros dois completamente bêbados acompanhando o cortejo, sem mínimas condições de carregar o esquife, o que era feito por um grande número de pessoas que os queriam bem. Ao indagar a um de-



ntO...



les o que faria agora que seu irmão havia morrido de tanto beber, saiu-se com esta: "agora tenho de beber o dobro..." Tinham uma intuição incrível, nunca errando o local apropriado para perfurar.

Quando o delegado inteirou-se do caso, percebeu a besteira do subordinado. Mas lei é lei e teve que cumprir os trâmites. Foi ele mesmo que ao ouvir a estória toda, pediu a presença de testemunhas como alegava o réu. Formou-se uma fila de uns cinquenta rapazes, todos "conhecidos" da "capim fino". Assim, o Quinzote foi salvo pelo gongo.

Entre os rapazes com nível de estudo o problema se tornava mais grave, pois tinham uma autocensura mais severa. Procuravam saber nas entrelinhas, o que era muito difícil. Menores de idade, não podiam frequentar a zona. Era um terrível dilema. Quando a coisa complicava, não queriam comunicar aos pais e nem pro-

curar os médicos da cidade, que por suas aparências austeras, julgavam que com eles os problemas estariam mais complicados. Eram os chamados clínicos gerais, que faziam tudo. Certa época, já formado encontrei por aqui um destes colegas mais velhos e indaguei por sua especialidade. Respondeu-me: "faço polaca"! Quer dizer, fazia de tudo. O termo chulo veio de tempos em que a zona de prostituição era confinada no Bom Retiro, na celeberrima rua Aimorés. Após o término da 1ª guerra mundial vieram para o Brasil judias polonesas, que acabaram sendo prostituídas. Como faziam "de tudo", o termo virou uma designação chula, mas apropriada.

Quando os estudantes saíram da cidade para continuar seus estudos - lá só havia o ginásio, alguns procuraram a medicina. Naquela época só havia duas faculdades em São Paulo: Pinheiros e Paulista. A primeira do estado e gratuita e a segunda particular e muito cara. Além do pequeno número de vagas e a enorme concorrência, os exames das duas eram coincidentes, impedindo ao candidato inscrever-se nos dois vestibulares. Se fosse reprovado, perdia simplesmente o ano. Por isso muitos alunos se dirigiam ao Rio de Janeiro, onde havia maior número de faculdades e vagas. Entrar em São Paulo era um enorme desafio. Quando o Mitcha conseguiu a proeza foi um acontecimento. Como bom japonês, recatado (após a segunda guerra mundial os japoneses foram muito hostilizados, havendo grande preconceito), foi sempre um estudante brilhante. Mas como todo bom oriental, tinha uma deficiência visual. Assim, estava ele todo enfiado, "poseur", mais acentuada por sua natural miopia, o que aumentava ainda mais o aspecto pernóstico. Todos os colegas estavam ali ansiosos por trocar idéias, conhecer coisas novas. Assim nas primeiras férias, tornou-se o foco central das atenções. Todos a fazer perguntas e ele com seu ar doutoral, empostado, a responder a cada um.

Quando "estourava" um problema urológico, o pobre rapaz não tinha a quem apelar. Aos pais, nem pensar. Aos doutores, tinham vergonha. A tábua de salvação era o Toniquinho. Trabalhando em uma farmá-

cia em um dos extremos da cidade, atendia a todos com extrema delicadeza, atenção e cuidados. Invariavelmente "sapecava" uma penicilina na turma. E assim ia quebrando o galho. Com a chegada do Mitcha, tudo parecia estar resolvido. Para todos, mesmo estando no primeiro ano, já era meio doutor e deveria entender de assunto tão importante. As perguntas choviam e o japonês com uma pose estudada ia dando uma explicação aqui, outra ali, até que o Camilo não agüentou e desabafou seu drama. Todos se calaram e ouviram atentamente. Afinal de contas, poderia ser o mesmo problema dos outros. Se a sombra de ficar "engalicado" trazia temor, por outro lado funcionava como uma aura de machismo. Lá pelas tantas fez a pergunta dramática, exasperante: "era uma gonorréia, ou outra coisa?" Fez-se um momento de silêncio e todos os olhares ansiosos se fixaram no Mitcha. Este parou, pensou um pouco, começou a olhar fixamente a frente, como a ver alguma explicação lá no fundo. Respirou fundo, tomou fôlego, durante aqueles segundos intermináveis e do alto de sua sabedoria, com os olhos semicerrados - um pleonismo, suas pestanas tremeluzindo e com uma voz fulgurante e potente, fulminou: "Não, não é. É um esquentamento..."

M.I. Rollemberg,
médico cirurgião e escritor

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto:

Sérgio Pereira da Cunha

Conselho Cultural:

Duilio Crispim Farina (presidente);

Carlos Alberto Salvatore

Antônio Valdemar Tosi

Marisa Campos M. Amato

João Marques Teixeira

Yvonne Capuano

Cinemateca:

Wimer Botura Júnior

Pinacoteca:

Aldir Mendes de Souza

Museu da História da Medicina:

Jorge Michalany

Coordenação Musical:

Dartiu Xavier da Silveira

Casos, causas e um caso perdido

Vicente Amato Neto e
Jacyr Pasternak

Como inevitavelmente sucede na vida de todos os que duram o tempo suficiente de vida, o doutor se aposentou. Ganhando a princesca aposentadoria que se obtém quando se trabalha no serviço público – que até que é melhorzinha do que se ganha na previdência social quando se trabalhou no setor privado. Mas nada de descomunal – o último salário, e como se demora muito para sair um maldito de um aumento para funcionário público, o que o doutor tirava da aposentadoria mal dava para pagar a empregada doméstica. Ainda por cima, para receber o doutor tinha que pegar um cartão do banco onde o excelente sistema de previdência social depositava o dinheiro e entrar na fila dos velhos no dia em que a princesca quantia era paga. O doutor até que se divertia, pois junto com ele vinha receber a esmolinha (como dizia um dos aposentados) muita gente com a qual trabalhara – o porteiro, o ascensorista, a auxiliar de enfermagem, aquela enfermeira que tinha sido tão gostosa e que agora estava com tudo caído e de óculos ainda por cima, e que tirava a qualquer pretexto a foto dos netinhos da bolsa para admiração geral. O pessoal ficava batendo papo e observando quem não vinha buscar o dinheiro:

– Virgem, o Protasio não veio. Será que empacotou?

– Não vi o nome dele no obituário do jornal.

– E você acha que a família do Protasio ia colocar o nome dele na "Folha"? Se sair alguma notícia é no "O combatente" de Vila Formosa, órgão oficial do Partido dos Trabalhadores local.

– Eu vou ligar para Protasio

No outro mês a notícia corre: Protasio estava internado com hipertrofia da próstata, no mesmo hospital onde era funcionário, e tinha sido operado, tudo bem, daqui a uns dois meses ele vem pegar o dele.

Outro passatempo dos velhinhos e velhinhas era ver quanto cada um tirava. O doutor até que tinha uma certa vergonha do seu – afinal ele fora chefe, o diabo a quatro e vejam só quanto dava. Mas um dia

ele olhou o comprovante do Agenor, um antigo funcionário burocrático daqueles bem burocratas – carimba pra cá. Carimba pra lá, encaminha expediente, põe capa (ai vira processo) e despacha logo para quanto mais longe melhor. E o Agenor estava ganhando quinze vezes mais do que ele. Aliás, o Agenor aposentado parecia viver bem melhor que o Agenor quando trabalhava, se é que se pode denominar trabalho aquela combinação que ele fazia. O Agenor chegava ao banco a bordo de um belo automóvel do ano, conversava com o pessoal a respeito da casa da praia lá em Ubatuba que estava sendo ampliada – ele já tinha comprado o terreno do vizinho e ia construir um puxado para os filhos e netos, e o Agenor ia viajar para a Europa com dona Agenora (era dona Gumerinda, outra carimbadora de papéis lá do hospital mas tão apagadinha, coitada, que o doutor esquecia sempre o nome dela).

Naturalmente, em sendo banco, tinha vezes onde o banco fazia alguma trapalhada e o dinheiro não estava disponível. A desculpa era que a previdência havia atrasado – e se você fosse reclamar na previdência, eles juravam que era um problema do banco. Enfim o dinheiro aparecia e lá ia o doutor enfrentar a fila. Um certo dia ele ficou ao lado do Agenor, com aquele filão na frente e já que não tinha muito assunto para conversar (o Agenor detestava futebol, não falava de política pra não se dar mal com ninguém, parece que era fiel à sua Agenora por que nunca foi visto olhando para outra dona e o doutor não estava a fim de ver novas sensacionais fotos de netinhos) o doutor perguntou:

– Agenor, me explica uma coisa. Como é que você conseguiu aumentar a aposentadoria deste jeito?

– Ah doutor, bem – não é para contar, mas a gente já está velhinho mesmo, e afinal quem arrumou isto nem trabalha mais no serviço público.

– Pô Agenor, não me deixa curioso. Como é que foi?

– Doutor, é o seguinte. O senhor sabe como é confuso o funcionalismo público. O senhor lembra da doutora Marilda?

– A nossa procuradora? Que fim ela levou?

– Agora ela tem um baita escritório, o senhor precisa ver como ela anda ajeitada, aquela mulher não envelhece.

– E a gente?

– Ah doutor, olha a nossa barriga, o senhor até que tem algum cabelo ainda, os meus já sumiram faz tempo.

– Pois é, o tempo acaba com a gente. Mas, o que tem sua aposentadoria a ver com a doutora Marilda?

– Tem muito a ver. A doutora era nossa procuradora, e legalmente não podia ter outro emprego – é por isto que procurador de autarquia até que ganha bem. Mas, ela tinha um laranja que abriu um escritório de advocacia trabalhista, dava o nome, o senhor sabe, mas quem fazia os processos e tudo era a doutora.

– E daí?

– Daí, doutor, é que a gente procurava o escritório e abria uma ação trabalhista contra o hospital, daquelas bem loucas.

– Bom, mas aí a doutora era advogada do hospital e ia contra, não é?

É doutor, mas ela mesma preparava o processo, o laranja ia defender a gente, e a gente ganhava sempre. Quando era daquelas causas que não tinha como ganhar, a doutora perdia prazo, não aparecia na audiência. É claro que a metade do ganho no primeiro ano ficava para a firma, e o laranja dividia com a doutora. Melhor boca, que esta doutor, não existe, como é que o senhor não ficou sabendo?

O doutor pensou que se tivesse ficado sabendo quando era diretor do hospital teria no mínimo feito um esporro. Claro que não ia dar em nada. A doutora Marilda era sabida, não deixaria nenhuma pista, e ainda por cima era amicíssima de vários ex-governadores, incluindo um que dava pinta de moralista depois da quartelada de 1964 e na época da ditadura, se o doutor mexesse com gente bem relacionada ia acabar é na polícia política, nas celas da "Operação Bandeirantes" (OBAN) e Deus sabe onde. O que o doutor lamenta hoje é não ter tido a mesma idéia da lesma do Agenor – estaria ganhando bem mais da República.

Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak,
professores de medicina

Prevenção, Saúde e Obsessão

Hélio Begliomini

Não há mais dúvida. A medicina do passado era a arte de curar doenças. A do futuro será sobretudo a de preveni-las e erradicá-las. Isso não significa que a medicina perderá o caráter curativo, pois, outras condições mórbidas advirão do desenvolvimento e do aumento da longevidade. Entretanto, o enfoque atual e futuro é e será nitidamente preventivo e profilático. Ainda que os governos das nações não estejam com seus orçamentos ajustados para estas prioridades, o tempo fará com que entendam que é menos custoso evitar doenças do que tratá-las.

As mulheres, há tempos são educadas para o diagnóstico precoce do câncer de colo uterino através da colpocitologia oncótica de Papanicolaou. Há poucos anos atrás o homem negligenciava sua saúde para um segundo plano. O exame digital da próstata era peremptoriamente recusado, quer por tabus, quer por machismo por uma boa parcela dos pacientes. É surpreendente, ver hoje em dia, vários deles procurarem espontaneamente a realização completa de sua saúde, fazendo questão do toque retal.

Os males do sedentarismo, obesidade, tabagismo, etilismo, estresse e de dietas hipergordurosas, excessivas e desbalanceadas são os grandes vilões das doenças cardíacas, pulmonares e vasculares. Em contrapartida, multiplicam-se as áreas públicas de lazer, academias de ginásticas e campanhas em prol da saúde que visam tão somente uma boa forma física.

Observam-se com louvor a criação e a mobilização de entidades que reúnam pacientes ou seus familiares que se organizam para dar-lhes não somente medicamentos e equipamentos a custos mais acessíveis, como também, melhores condições psicológicas e de vida. São alguns exemplos a associação dos ostomizados, dos diabéticos, dos familiares de portadores do Mal de Alzheimer, da Síndrome de

Down e do Autista ..., além de entidades mais tradicionais e presentes em várias nações como o grupo dos Alcolátraz Anônimos, Neuróticos Anônimos, Dependentes de Drogas e Vigilantes do Peso.

A saúde bucal com enfoque predominantemente para a área odontológica não é relegada a um segundo plano. Infelizmente, ainda com pouco acesso da população carente.

As campanhas populares de controle da pressão arterial, do diabetes, contra a desidratação infantil, e a favor da prevenção do câncer de pele, do diagnóstico precoce do câncer de colo uterino, mamário e prostático são alguns dos exemplos positivos organizados com apoio de especialidades e entidades médicas. E assim constantemente a população é convidada a ficar atenta em sua saúde às custas da prevenção.

Fatos recentes e dignos de nota promovidos pelo Ministério da Saúde e que contribuem em prol de uma melhoria na qualidade de vida dos cidadãos, sobretudo de parques recursos, são: fila única para transplantes; fornecimento gratuito de drogas para o tratamento de pacientes portadores da Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS); a introdução crescente dos medicamentos genéricos, a tentativa de interiorização de médicos e enfermeiros em municípios com menos de 20 mil habitantes através do Programa de Interiorização do Trabalho em Saúde Pública (Pits) e os mutirões para cirurgias de catarata e da hiperplasia prostática benigna.

Entretanto, o conceito de prevenção é mais abrangente e não se limita apenas ao indivíduo, mas também ao seu habitat. Tem-se valorizado cada vez mais o meio ambiente e a preservação do ecossistema; condições de moradia com revisões periódicas do sistema elétrico, hidráulico, limpeza de fossa, da caixa d'água, etc...; segurança nos meios de transportes com conscientização para avaliações periódicas e a manutenção de pneus, frei-

os, troca de óleo, revisão do motor, substituição dos extintores de incêndio vencidos entre tantos outros itens.

A prevenção de roubos e assaltos nas metrópoles é a tônica hodierna. Carros, se não puderem ser blindados ao menos deverão ter seus vidros opacificados com película especial. Sugestões são divulgadas pela imprensa para dirigir e se posicionar em faixas específicas próximas de cruzamentos, sobretudo à noite e naqueles estatisticamente mais vulneráveis.

Sistemas apropriados de alarmes em casas e edifícios são instalados e muros altos, aprisionam cidadãos legalmente livres, porém neuróticos, por sua insegurança e vulnerabilidade.

Sofisticados sistemas de localização de veículos e de pessoas acionados por satélite são desenvolvidos e o mirabolante e perverso estado de insegurança estimula a fantástica e custosa indústria da segurança.

Se por um lado, a ordem geral é prevenir em todos os sentidos, por outro, parece que não tem sobrado tempo, espaço e dinheiro para que os cidadãos possam fazê-lo cabalmente.

Da prevenção equilibrada está se caminhando a passos largos para a obsessão desenfreada, ou seja, a obsessão pela prevenção. Será essa uma nova síndrome hodierna?

Em caso afirmativo, é historicamente insólito, identificar-se a etiologia anteriormente à moléstia.

O exame digital da próstata era recusado, quer por tabus, quer por machismo, por uma boa parcela dos pacientes. Hoje em dia, vários deles procuram a realização completa de sua saúde, fazendo questão do toque retal

Hélio Begliomini, médico membro titular da Academia Cristã de Letras

Ainda sobre o Símbolo da Medicina

Guido Arturo Palomba

No Suplemento Cultural nº 123, o ilustre professor Joffre M. de Rezende mostrou que o Símbolo da Medicina tem uma só serpente, e que a aste com duas, que se enrolam em espirais opostas e ascendentes, é o símbolo de Hermes (deus dos viajantes e do comércio). Diz mais o ilustre mestre: "Assistimos, perplexos, no Brasil, a disseminação do caduceu de Hermes como pretensão símbolo da Medicina, através dos meios de comunicação...". Mostra, por outro lado, que instituições médicas de grande representatividade aceitam o bastão de Asclépio (uma só serpente), e não o caduceu de Hermes (duas), como símbolo da Medicina.

Sucede que, no Suplemento Cultural n.º 127, o renomado cirurgião, ilustre escritor, M.I. Rollemberg, no artigo "A Respeito do Símbolo da Medicina", estimula reflexões sobre se são duas cobras ou uma só, contrapondo fortes argumentos e mostrando imagens. Diz o ilustre professor Rollemberg: "Desta vez ocorreu ao visitarmos o Asclepion de Pérgamo na Ásia Menor, considerado um dos mais famosos da antigüidade, quase todo recuperado pelos arqueologistas. Em lugar destacado, após a sua entrada monumental, deparamos com parte do altar de Propileu, onde se vê a enorme coluna de mármore partido, com o primeiro símbolo da Medicina (segundo os especialistas locais), no qual se percebe nitidamente dois círculos, um grande contendo um menor em seu interior e, lado a lado, em oposição, duas serpentes com as cabeças atravessando o círculo maior, em direção ao círculo menor (foto 2)". Informa ainda o erudito professor Rollemberg que a Faculdade de Medicina de São Paulo iniciou suas atividades em uma casa adaptada, à Rua Brigadeiro Tobias, antes de se transferir para a Avenida Dr. Arnaldo, e que, nesse local, no frontispício, "embora parcialmente coberto

por frondosas árvores, ali ainda se conservam os símbolos da Medicina, representados por duas serpentes entrelaçadas, com o caduceu".

Como se vê o tema é deveras polêmico: uma ou duas serpentes? Com todo o respeito às idéias e opiniões em contrário, ficamos com os que entendem seja uma só. Então, é preciso tentar explicar os dois motivos em contrário mostrados pelo professor Rollemberg: 1º) o de ter havido o caduceu com duas serpentes no frontispício do local em que funcionou, provisoriamente, a Faculdade de Medicina de São Paulo, à Rua Brigadeiro Tobias; 2º) as duas serpentes na coluna de Propileu, na Ásia Menor, que seria o primeiro símbolo da Medicina, segundo o artigo do professor Rollemberg.

Pois bem, quanto ao primeiro, pensamos ser mais fácil contrapor argumentos, considerando que a Faculdade de Medicina funcionou adaptada ao local, que já estava construído, ou seja, o local não foi feito especificamente para a Medicina. Foi, isto sim, erguido para a "Escola de Commercio Alvares Penteado", conforme se lê no frontispício citado (Suplemento Cultural n.º 127), que é sustentado por duas colunas laterais, nas quais, de fato, estão, em ambos os lados, a aste na qual se enrolam duas serpentes.

Mais fácil explicar pois se trata de "Escola de Commercio". Dessarte, o símbolo, que é o caduceu de Hermes.

Com efeito, Hermes, deus grego, é representado com um chapéu de formato especial (pétasos), o pétaso, com sandálias providas de asas e segurando um caduceu com duas serpentes entrelaçadas na parte superior e em sentidos inversos. A simbólica dessa insígnia principal de Hermes mostra que a aste serve de equilíbrio entre os contrários: direita-esquerda, positivo-negativo, diurno-noturno, uma vez que a serpente possui duplo aspecto simbólico: um benéfico, outro maléfico. Esse antagonismo e o equilíbrio entre eles são representados pelo ca-

duceu, o *axis mundi*, o eixo do mundo.

Hermes é um deus psicopompo (condutor de almas), por isso protetor das estradas, nas quais cada transeunte lança uma pedra para formar o *hérmaion*, literalmente, "lucro inesperado, descoberta feliz" (J.S. Brandão). Assim, Hermes também é tido como deus do comércio.

O fato de a Escola de Medicina ter funcionado no prédio da Escola de Comércio e de o caduceu de Hermes ter duas serpentes e o bastão de Esculápio uma só, são coincidências interessantes, não no sentido de o fato ter ocorrido no mesmo local, mas de ambas possuírem em seus signos aste e serpente. Esse passo nos remete, num primeiro momento, ao hermetismo da alquimia, aos que se interessaram em reconstituir o processo pelo qual a vida adulterada da Terra (depois da queda de Adão, e conseqüente perda da pureza) pode ser recomposta na pedra filosofal, que representa a materialização da energia, e a purificação da alma: "Os alquimistas que procuravam apenas fabricar ouro não eram verdadeiros adeptos, pois, diz Hermes: *O meu ouro não é ouro vulgar*" (J.S. Brandão). Então, nesse inteiramente fechado mundo de atanores, nos quais os contrários são encerrados, dos negros, dos albedos, dos rubedos e das citrinitas, um mestre da "arte régia", a propósito da questão das serpentes, disse assim: "Hermes entrega a seu discípulo Majer sua arte e sabedoria, e deste modo o torna capaz de ele mesmo agir e atuar por meio do caduceu mágico, que entre os médicos alquimistas é o bastão de Esculápio, com uma única serpente". (Mysterium Coniunctionis, C.G. Jung).

Quanto ao segundo motivo contraposto pelo professor Rollemberg (o altar de Propileu)... possam esses comentários estimular considerações. O espaço está aberto.

Guido Arturo Palomba
Diretor Cultural da Associação
Paulista de Medicina